

Atividades Culturais 2020

Cultural activities 2020

Maria Luísa Sousa Machado¹

José Alberto Mateus²

Introdução

A Biblioteca Geral promove anualmente um conjunto diversificado de atividades culturais nos espaços vocacionados para o efeito, como a Sala do Catálogo, a Sala de São Pedro e a Biblioteca Joanina, quer no Piso Nobre quer no Piso Intermédio.

Em 2020, em virtude do surto pandémico, algumas das atividades previstas e programadas tiveram que ser reajustadas face ao evoluir da situação. Algumas destas atividades foram realizadas com um número reduzido de participantes e/ou simultaneamente em modo *on-line*, enquanto outras foram adiadas.

Das iniciativas realizadas merecem destaque as exposições bibliográficas, conferências, tertúlias e ainda os dois cursos ministrados no âmbito da APECER-UC (Academia para o Encontro de Culturas e de Religiões da Universidade de Coimbra).

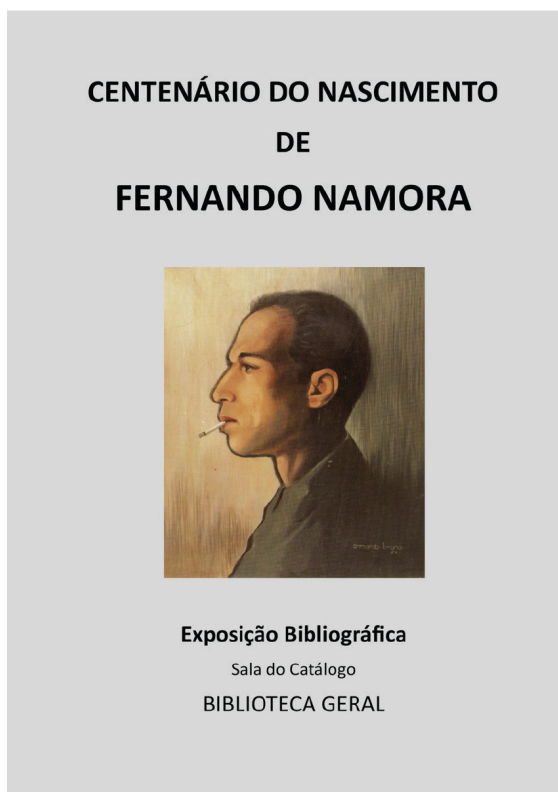
1 Bibliotecária da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra – lmachado@bg.uc.pt. [Orcid.org/0000-0002-3187-4240](https://orcid.org/0000-0002-3187-4240)

2 Bibliotecário da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra – jomat@bg.uc.pt. [Orcid.org/0000-0002-2020-9325](https://orcid.org/0000-0002-2020-9325)

Exposições e Mostras Bibliográficas

Sala do Catálogo

Centenário do Nascimento de Fernando Namora | 1919 - 1989



A exposição comemorativa do centenário do nascimento de Fernando Namora iniciou o conjunto de exposições realizadas no ano de 2020 na Sala do Catálogo da Biblioteca Geral.

O médico, escritor e pintor Fernando Namora nasceu em Condeixa-a-Nova a 15 de abril de 1919, filho de António Mendes Namora e de Albertina Augusta Gonçalves Namora.

Concluída a instrução primária na escola da localidade, ingressou no Colégio Camões, em Coimbra, que abandonou em 1932

partindo para Lisboa, onde, como discípulo de Jorge de Sena, permaneceu durante dois anos. De regresso a Coimbra em 1935, ingressou no Liceu de José Falcão inscrevendo-se no ano seguinte nos preparatórios médicos da Faculdade de Medicina. Licenciou-se em 1942, vindo a exercer em Condeixa-a-Nova e nas regiões da Beira Baixa e Alentejo.

Fernando Namora revelou desde muito cedo forte propensão para as letras e para as belas-artes, possuindo já aos 15 anos uma biblioteca considerável e invulgar para a sua idade. Iniciou nos anos 30 uma ativa e fecunda carreira literária repartida entre a poesia e a prosa, integrado no grupo literário designado de “geração de 40”, que incluía escritores como Carlos de Oliveira, Joaquim Namorado, João José Cochofel ou Mário Dionísio, nomes ligados ao grupo da *Presença*. Com Artur Varela e Carlos de Oliveira, publicou em 1937, no pequeno volume *Cabeças de Barro*, o conto *O Mono*, participando no mesmo ano na preparação de *Cadernos da Juventude*, de que se conhecem dois exemplares do primeiro número, que não chegou a público. No ano seguinte, saiu o seu primeiro livro de poesia, *Relevos*, e o romance *As Sete Partidas do Mundo* (Prémio Almeida Garrett), que marcou a viragem para o neorrealismo. Em 1939, participou na organização da revista *Altitude*, com Cochofel e Coriolano Ferreira, e no ano seguinte, 1940, publicou o seu segundo livro de poesia, *Mar de Sargaços*. A publicação da coleção *Novo Cançãoeiro* marcou efetivamente o surgimento do neorrealismo, tendo sido Namora a iniciá-la com o livro *Terra*, que assinalou uma viragem no plano literário português. Neste mesmo ano surgiu, incluído na coleção *Novos Prosadores*, o romance *Fogo na Noite Escura*, considerado o seu primeiro grande romance. A partir daqui publicou regularmente, tendo a sua obra sido moldada dentro de um cunho neorrealista de cariz pessoal, de análise social.

Publicou, em 1945, *Casa da Malta*, em 1946 *As Minas de S. Francisco*, *Retalhos da Vida de Um Médico* (duas séries), em 1949 e em 1963 (*Prémio Vértice*), *A Noite e a Madrugada*, em 1950, *O Trigo e o Joio*, em 1954, *O Homem Disfarçado*. Em 1957, *Cidade Solitária*, em 1959, *Domingo à Tarde*, em 1961 (*Prémio José Lins do Rego*), *Os Clandestinos* em 1972 e *Rio Triste*, em 1982. *Diálogo em Setembro*, em 1966, um novo livro de poesia, *Marketing*, em 1969, *Um Sino na Montanha*, em 1970, *Os Adoradores do Sol*, em 1972, *Estamos no Vento*, em 1974, *A Nave de Pedra*, em 1975, *Cavalgada Cinzenta*, em 1977 e *Sentados na Relva*, em 1986, obras de crítica e de memórias e impressões de viagem.

Paralelamente à sua obra literária desenvolveu um grande interesse pela pintura, tendo frequentado a Escola Aberta do Padre João Antunes, o célebre “Padre Boi”, dinamizador em Condeixa de inúmeras iniciativas de índole cultural.

Fernando Namora recebeu diversos prémios como o “Prémio Ricardo Malheiros” em 1953, o de “Grande Oficialato da Ordem de Santiago”, a “Medalha de Ouro da Literatura da Sociedade Francesa de Encorajamento do Progresso” e a “Medalha de Ouro da Bulgária”, em 1981. É eleito “Membro Honorário da Universidade do Alasca”, em 1983, foi eleito membro da “Hispanic Society de Nova Iorque” e do “Instituto Médico de Sófia”, em 1984. “Membro titular da Academia Europeia das Ciências, Artes e Letras”, em 1985, foi eleito membro da “American Association of Teaching of Spanish and Portuguese”, em 1986, tendo sido agraciado com a “Grã Cruz da Ordem de Infante D. Henrique”, em 1988 e com a “Grã-Cruz da Ordem da Liberdade” em 2019, a título póstumo. Fernando Namora faleceu em Lisboa a 31 de janeiro de 1989, aos 69 anos.

Esta exposição que esteve patente na Sala do Catálogo, de 20 de dezembro de 2019 a 31 de janeiro de 2020, foi organizada pela Dr^a. Maria Luisa Sousa Machado e pelo Dr. José Alberto Mateus.

José Vitorino de Pina Martins | 1920 - 2010



Fotografia da exposição na Sala do Catálogo

Para assinalar o centenário do nascimento do investigador e filólogo José Vitorino de Pina Martins, nascido a 18 de janeiro de 1920, em Penalva de Alva, concelho de Oliveira do Hospital, foi organizada pela Dr^a. Maria Luisa Sousa Machado e pelo Dr. José Alberto Mateus a exposição bibliográfica intitulada “José Vitorino de Pina Martins (1920-2010)”, patente de 21 de fevereiro a 27 de março de 2020.

J. V. de Pina Martins frequentou o Colégio de Brás Garcia Mascarenhas, em Oliveira do Hospital, até à entrada na Universidade de Coimbra, onde se licenciou em Filologia Românica na Faculdade de Letras (1947) com uma tese intitulada *Miséria e Grandeza do Homem em “Les pensées” de Blaise Pascal*.

Ainda em Coimbra, enquanto estudante, publicou diversas obras, como: *A pergunta de Pilatos*, em 1941; *Ensaio sobre o parnasianismo*

brasileiro, em 1945; *Ribeiro Couto: poeta da serenidade e Reflexões críticas sobre Eça de Queirós*, em 1947, assinando com o pseudónimo de Duarte de Montalegre, que manteve ainda nas edições de *Sopro da Noite - Veille*, editada em Paris, *Soffio della notte*, em Roma, e *Ojos sobre la noche* em Madrid, todas editadas em 1950. Foi ainda redator da revista “Estudos” do Centro Académico da Democracia Cristã (C.A.D.C.), a cuja direção pertenceu.

Após a licenciatura concorreu ao leitorado português na Universidade de Roma (La Sapienza), onde permaneceu até 1955. Em Itália frequentou o curso de História do Livro (sobre o livro ilustrado do Renascimento) na Escola Biblioteconómica do Vaticano, dirigido pelo Prof. Lamberto Donati, especialista do livro do séc. XV e XVI, e na Universidade de Bolonha os cursos de história da literatura italiana, orientados pelo Prof. Carlo Calcaterra.

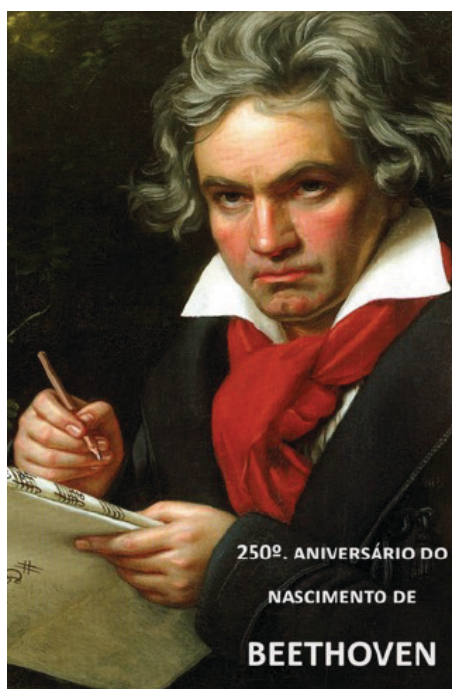
Em 1955 assumiu o leitorado de português da Universidade de Poitiers, onde trabalhou com o investigador francês Raymond Cantel, especialista em estudos sobre a língua portuguesa e autor de uma tese sobre o pensamento profético e messiânico do Padre António Vieira.

Inscreveu em 1957 na Universidade de Paris III (Sorbonne Nouvelle) as suas teses de doutoramento para a obtenção do Doctorat d’État, onde, sob a orientação de Léon Bourdon e de Robert Ricard, veio a obter em 1974 a mais alta classificação. No ano letivo de 1961-1962 iniciou a atividade docente na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, regendo a cadeira de História da Cultura Clássica, mantendo-se como Assistente até 1972, ano em que passa a dirigir o Centro Cultural Português da Fundação Calouste Gulbenkian, em Paris, até 1983. Ainda neste ano foi convidado pela Universidade de Lisboa, como professor catedrático, desempenhando na mesma altura as funções de Diretor do Serviço de Educação Permanente da Fundação Calouste Gulbenkian. J. V. de Pina Martins, jubilou-se em 1990. Foi sócio correspondente e efetivo da Academia das Ciências de Lisboa, tendo sido várias vezes eleito para exercer

os cargos de Presidente e Vice-Presidente da Classe de Letras, e de Presidente e Vice-Presidente da própria Academia.

Foi igualmente orientador de diversos seminários e conferências, apresentando inúmeras comunicações em congressos e encontros internacionais na Europa e na América. Distinto bibliófilo, professor e autor de numerosos estudos sobre o livro e a sua história, o Prof. Doutor José Vitorino de Pina Martins faleceu em Lisboa no dia 28 de abril de 2010.

250º. Aniversário do Nascimento de Beethoven



Esteve patente na Sala do Catálogo a exposição comemorativa do 250º. Aniversário do nascimento de Beethoven”, que nasceu em Bona a 16 de dezembro de 1770. Descendente de músicos da corte, o seu destino de compositor de eleição depressa ficou traçado.

Sob a orientação rígida do pai, que detetou nele, ainda muito pequeno, os sinais de um talento musical invulgar (e uma importante

fonte de rendimento!), Ludwig, com apenas cinco anos, foi obrigado a estudar piano e a efetuar audições públicas (a primeira das quais a 26 de março de 1778). Mais tarde, em consequência do alcoolismo do seu progenitor e do falecimento precoce da mãe (em 1787), Beethoven acabaria por assumir, prematuramente, um protagonismo decisivo na chefia da sua família.

A sua formação musical foi realizada sob a orientação de Christian Gottlob Neefe, maestro e compositor de ópera, que foi seu mestre de piano e que lhe rasgou também horizontes a nível filosófico e literário. Foi ainda enquanto seu aluno que Ludwig publicou, em 1782, a sua primeira obra: *Nove Variações para Piano sobre uma Marcha de Ernest Christoph Dressler*.

Em 1787, Beethoven foi para Viena a fim de estudar com Joseph Haydn, sob o patrocínio do Conde Waldstein, que reconheceu o seu profundo talento e a quem ficou ligado por uma forte amizade. Por ocasião de uma audição vienense, conta-se que Beethoven teve a oportunidade de tocar na presença de Mozart, que, impressionado, logo lhe vaticinou uma carreira de nível mundial.

O drama de Ludwig começou cerca de 1796, em Viena, quando lhe foi diagnosticada uma surdez progressiva (aos 46 anos de idade estava quase completamente surdo), maleita que o deixou num estado de profundo desespero, a ponto de ter admitido cometer o suicídio.

Autor de uma vasta obra, Beethoven compôs 32 sonatas para piano (entre elas a n.º 14: *Sonata ao Luar*, em Dó Sustenido Menor, uma das mais conhecidas) e várias outras sonatas para violino e piano, ou para violoncelo e piano. Compôs também 16 quartetos de cordas, 9 sinfonias (incluindo a «Nona», estreada em 1824 e cujo último movimento, a *Ode à Alegria*, se tornou o hino da União Europeia), 5 concertos para piano e 1 para violino. Foi ainda autor da ópera *Fidélio* (versão definitiva apresentada a 24 de maio de 1814, no Theater am Kärntnertor, em Viena) e da poderosa *Missa Solemnis* (em Ré Maior), entre muitas outras peças (incluindo aberturas, danças e

canções várias), todas de um poder expressivo inigualável e de uma profunda carga sentimental. Ainda hoje muitos pianistas incluem, no repertório das primeiras peças clássicas que tocaram, a célebre «bagatela» («kleinichkeit») intitulada *Für Elise* e composta, cerca de 1810, em Lá Menor, para uma possível noiva.

Unanimemente considerado um dos maiores génios da história da música, Ludwig van Beethoven faleceu a 26 de março de 1827, em Viena, aos 56 anos de idade.

Esta exposição bibliográfica e documental, que decorreu de 16 de junho a 28 de Agosto, foi organizada pela Dr^a. Maria Luisa Sousa Machado e pelo Dr. José Alberto Mateus.

A Biblioteca dos Grandes Também é para os Mais Pequenos?!



Gravura do cartaz da exposição

A Biblioteca Geral em parceria com o Turismo UC, colaborou no programa UCJúnior especial verão 2020, desenvolvendo algumas atividades para promoção e estímulo da leitura junto dos mais jovens. Em paralelo esteve patente na Sala do Catálogo a exposição bibliográfica intitulada “Contos, histórias e desenhos... O livro infantil ao longo dos tempos!”, que pretendeu ilustrar a história do livro infantil. Esta iniciativa esteve a cargo da Dr^a. Teresa Mendes.

II Centenário da Revolução Liberal de 1820



Alegoria à Revolução no Porto. Gravura de António Maria da Fonseca, 1820.
Col. Sociedade Martins Sarmento.

Para assinalar o segundo centenário da Revolução Liberal de 1820, foi realizada uma exposição bibliográfica alusiva a esta efeméride, patente de 14 de setembro a 20 de outubro.

O dia 24 de agosto de 1820 marcou o fim de um longo período de absolutismo em Portugal e abriu caminho ao constitucionalismo. O país, com o rei ausente e com um governo dominado pelos Ingleses (que aqui ficaram depois de vencer as tropas napoleónicas), debatia-se com uma grave crise económica e social. Vivia-se um período de convulsão interna, que culminou no pronunciamento militar do Porto, apoiado por muitos liberais.

Três anos antes, a conspiração do general Gomes Freire de Andrade e de muitos militares e maçons tinha já denunciado um mal-estar crescente, em especial nos centros urbanos. A crueldade com que foi reprimida esta revolta só acentuou o desgaste do regime.

Entre as figuras de destaque no processo iniciado em agosto de 1820, no Porto, merece realce o juiz Manuel Fernandes Tomás, cuja ação foi decisiva no fomento das ideias liberais e na elaboração da Constituição de 1822. Em setembro deste ano, as Cortes Gerais Extraordinárias e Constituintes, escolhidas por sufrágio indireto no ano anterior, promulgaram a 1.^a Constituição portuguesa; uma semana depois, o documento seria jurado pelo rei D. João VI (mas não pela rainha Carlota Joaquina).

A Constituição de 1822 previa um sistema de poderes tripartido (executivo, legislativo e judicial). Ficava clara a redução dos poderes do monarca e a supremacia das cortes legislativas. Mas em 1826, ainda no Brasil, D. Pedro IV outorgou uma Carta Constitucional que seguia o modelo brasileiro, por sua vez inspirado no paradigma francês.

No essencial, a Revolução de 1820 cumpriu os seus objetivos: providenciar o regresso do rei a Portugal, repor alguma normalidade institucional e cercear o absolutismo monárquico. Não obstante, o reino continuou dividido entre absolutistas e liberais, uma clivagem que apenas se atenuaria após largos anos de guerra civil e na sequência da derrota definitiva de D. Miguel (batalha de Asseiceira, 16-V-1834). Quatro meses depois faleceria o irmão, D. Pedro IV. A filha deste, D. Maria II, assumiu então, definitivamente, o poder.

Um novo sobressalto político ocorreu com a revolução de setembro de 1836, que repôs a Constituição de 1822, mas apenas durante dois anos: em abril de 1838 seria jurada uma nova Constituição, dita «setembrista», que procurava conciliar os dois textos constitucionais anteriores. A situação manter-se-ia até ao golpe militar de janeiro de 1842, liderado por Costa Cabral e pelo duque da Terceira: foi então reposta a Carta Constitucional de 1826, a qual permaneceria em vigor até à implantação da República, em 1910.

“quero morrer lá mais para o verão” - Fernando Assis Pacheco 1937-1995



A exposição bibliográfica “quero morrer lá mais para o verão” - Fernando Assis Pacheco | 1937 – 1995”, com o conjunto das suas obras e onde se incluem também as suas traduções, colaborações e entrevistas em diversos jornais e revistas, foi realizada entre 10 de novembro a 15 de dezembro.

Poeta, escritor e jornalista Fernando Assis Pacheco nasceu em Coimbra no dia 1 de fevereiro de 1937, onde viveu até 1961, ano em que se licenciou em Filologia Germânica pela Faculdade de Letras.

Enquanto estudante participou em diversas atividades culturais. Integrou o Teatro de Estudantes da Universidade de Coimbra (TEUC) e foi cofundador do CITAC. Foi redator da revista *Vértice* e colaborou ainda em algumas publicações estudantis como *A Briosas* e a *Via Latina*.

Cuidar dos vivos é o seu primeiro livro, de poesia, que foi publicado em Coimbra, (*Cancioneiro Vértice*, 1963), enquanto cumpria o serviço militar em Angola.

O segundo livro, também de poesia *Câu Kiên: Um Resumo* foi publicado em 1972, com toponímia vietnamita para fugir à Censura! Esta obra veio a conhecer a versão definitiva com o título *Catalabanza, Quilolo e Volta*, editado em Coimbra pela Centelha em 1976. Seguiu-se em 1978 o livro de novelas *Walt ou o frio e o quente* e em 1980 um livro onde foram reunidos os poemas publicados entre 1972 e 1980, *Memórias do Contencioso e outros poemas*. Em 1987 e em 1991, são publicados mais dois livros de poesia, *Variações em Sousa* e *A Musa Irregular*.

De entre as suas obras, *Trabalhos e paixões de Benito Prada: galego da província de Ourense, que veio a Portugal ganhar a vida*, publicado em 1993 é o único romance, publicado pelas Edições Asa, numa alusão às origens do escritor (o avô era galego).

Fernando Assis Pacheco traduziu para português obras de Pablo Neruda (*Antologia Breve* e *20 de poemas de amor e uma canção desesperada*) e de Gabriel Garcia Marquez (*Crónica de uma morte anunciada*). Colaborou também na tradução de poemas de levguéni Aleksandrovitch levtuchenko aquando da sua passagem deste por Lisboa, em maio de 1967.

Após a sua morte, as Edições Asa publicaram em 2001, *Retratos falados*, e a Assírio & Alvim publicou em 2003, *Respiração assistida* e em 2005, *Memórias de um craque*, obra que reúne um conjunto de textos sobre futebol. Mais recentemente a TINTA da CHINA editou em 2015 *Bronco Angel, o cow-boy analfabeto*, publicada como folhetim no semanário humorístico e satírico *O Bisnau*, e em 2017 *Tenho cinco minutos para contar uma história*, um livro que reúne um conjunto de crónicas radiofónicas inéditas que foram emitidas pela RDP, entre 1977 e 1978.

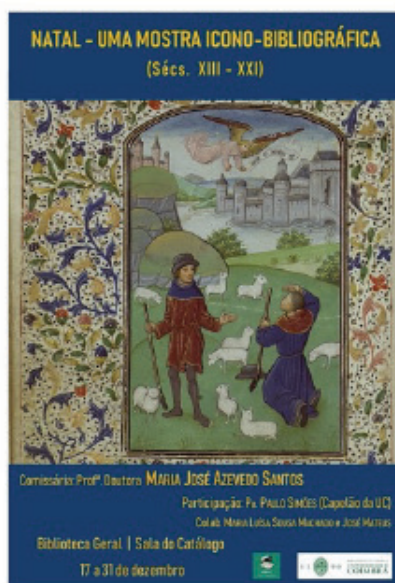
Durante a sua carreira de jornalista pertenceu às equipas redatoriais do *Diário de Lisboa*, *República*, *JL: Jornal de Letras, Artes e Ideias*, *Musicalíssimo* e do *Se7e*. Foi ainda chefe de redação e redator do

semanário *O Jornal*, onde durante dez anos se dedicou à crítica literária, colaborando também na revista *Visão* e na RTP.

Veio a falecer a 30 de novembro de 1995, na Livraria Buchholz em Lisboa, há 25 anos.

Esta exposição foi realizada pela Dr^a. Maria Luísa Sousa Machado e pelo Dr. José Alberto Mateus.

Natal: Uma Mostra Icono-Bibliográfica (Sécs. XIII - XXI)



A exposição "Natal: Uma Mostra Icono-Bibliográfica (Sécs. XIII - XXI)" comissariada pela Prof^a. Doutora Maria José Azevedo Santos, foi a primeira realizada pela Biblioteca Geral em colaboração com a Liga dos Amigos da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (LIBUC) e decorreu de 17 de dezembro a 6 de janeiro de 2021. A pesquisa, legendagem e montagem desta exposição foi realizada pela Dr^a. Maria Luísa Sousa Machado e pelo Dr. José Mateus, com a colaboração da Dr^a. Isabel João Ramires e pela Dr^a. Maria de Fátima Bogalho. Na inauguração da exposição participou o Pe. Paulo Simões, capelão da UC, com uma intervenção alusiva ao Natal.

O texto de apresentação da exposição, incluído no Catálogo editado, da autoria da comissária da exposição, transcreve-se em seguida.

“A celebração do Natal organizada pela Liga dos Amigos da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (LIBUC) e pela Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (BGUC) ganhou a forma de mostra de livros e gravuras que foram selecionadas num sincero ato de congratulação.

Do rico e vastíssimo património documental e bibliográfico da BGUC, mundialmente reconhecido, apresenta-se uma ínfima parte só compensada pelo importante valor, por exemplo, dos códices medievais, bem como pela raridade dos impressos e gravuras e ainda pelo alto coturno dos autores das obras expostas.

Assim, esta Mostra pretende ser tão-só uma “porta aberta”, o mesmo é dizer, um convite para aqueles que quiserem experimentar as múltiplas direções a que um livro nos pode conduzir.

Entendemos dividi-la em quatro núcleos, o mesmo número das estações do ano, num apelo a que haja na passagem de um para o outro, a compreensão da cronologia; do suporte e da função da escrita; do manuscrito; do impresso; enfim das representações literárias, e artísticas mais belas, que ao longo dos séculos o Natal inspirou.

Nos *Livros Litúrgicos*, dá-se a primazia à *Bíblia Sagrada*, manuscrito do século XIII, cujos cadernos são em velino com o índice em pergaminho, da cor do “marfim velho” nas palavras de Aquilino Ribeiro. O copista hábil “pintou-a”, em duas colunas, com tinta negra cujo viço se mantém. Por sua vez, o *Livro de Horas de Coimbra*, de origem flamenega, e datável de inícios do século XVI, é, também, todo escrito sobre pergaminho (quase velino) e iluminado com tinta ou folha de ouro, o que transforma cada fólio num raro e precioso exemplo de crisografia.

Com data de 1558, incluímos ainda um missal, o *Missale Bracarense Ecclesiae*. Impresso, em papel, descobrem-se, com facilidade, as influências dos manuscritos medievais cuja matriz perdura ainda por todo o século XVI (duas colunas, capitulares, encadernação com pregos para não danificar a decoração e fechos).

Entretanto, não quisemos deixar de incluir várias gravuras, dos séculos XVI-XIX, cujos autores centraram o seu talento na representação das figuras da Virgem Maria, do Menino e de São José.

Merecedores da nossa atenção, são, também, uns livrinhos manuscritos com temas natalícios, originais e inéditos, que aguardam leitura e estudo. Destaca-se o *Auto dos Reis Magos*, de autor anónimo, do século XVIII.

A Mostra prossegue com uma antologia de escritores, nacionais e estrangeiros, que têm descrito o Natal das formas mais distintas e belas. De Bocage a Eça, de Machado de Assis a Sophia de Mello Breyner Andresen, de Miguel Torga a Charles Dickens, notável autor oitocentista e influenciador da literatura natalícia, de Fernando Pessoa a Mia Couto e a José Tolentino Mendonça.

Mas falamos ainda de literatura no núcleo *O Natal à Mesa*. No agasalho da nossa memória estão, sem dúvida, as iguarias doces ou salgadas desta época tão singular. Os sonhos, o bolo-rei, as rabanadas, os beilhões, as broinhas, o bacalhau e o peru, entre outros, e as formas de os confeccionar, podem identificar uma região, uma família, uma cozinheira, para além de todas constituírem um inquestionável património nacional. Felizmente, obras clássicas como *O Livro de Pantagrue* ou *A Cozinha Tradicional Portuguesa* mantêm vivas pela escrita a pureza velha de largas dezenas de receitas de Natal a que, nos nossos dias, se têm juntado outras opções e sabores.

No último núcleo da Mostra, destacamos a literatura infantil. Os autores, ora nos conduzem à devoção ao Menino Jesus, ao gosto pelo Presépio, ora, influenciados por natais de outras paragens e confissões religiosas, nos levam às renas das florestas da Escandinávia, à árvore de Natal e, sobretudo, à figura do Pai Natal.

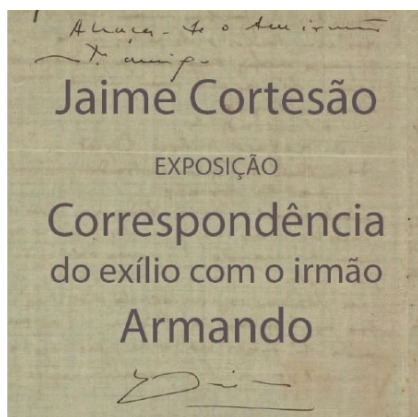
Todos os livros têm um sortilégio inigualável reforçado por música, efeitos luminosos, cores brilhantes, figuras que se movimentam entre contos, de sonhos, de alegrias e de sofrimentos que, também, são Natal.

Nesta singela Mostra, podemos ver, com o poeta franciscano Fr. Lopes Morgado, que “No Natal não há via única para a gruta e mesmo

os caminhos já percorridos não dispensam nem o nosso andar nem a nossa procura de caminhos por fazer”.

Sala de S. Pedro

“Jaime Cortesão: Correspondência do exílio com o irmão Armando”



A partir de 15 de janeiro, a Sala da Livraria do Colégio de São Pedro na BGUC recebeu a exposição, intitulada “Jaime Cortesão: Correspondência do exílio com o irmão Armando”, realizada pelo Dr. António Eugénio Maia do Amaral, que esteve patente até finais de fevereiro.

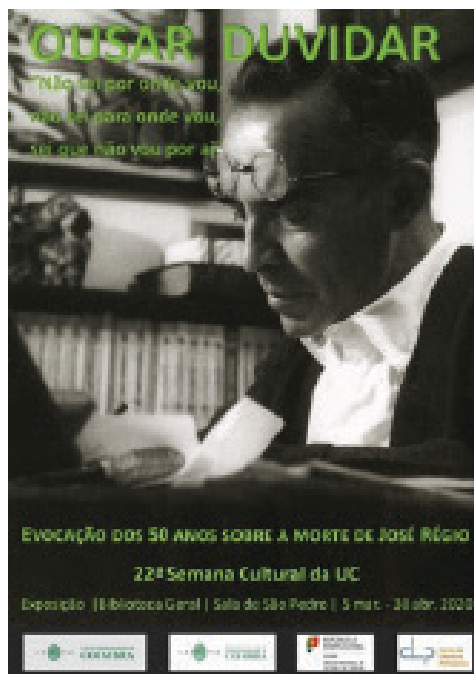
Nela foram divulgadas mais de três dezenas de cartas trocadas entre os dois irmãos e historiadores Jaime Cortesão e Armando.

A troca de correspondência durante a ditadura não se apresentava fácil, sendo por vezes necessário recorrer a artifícios de contorno da censura. Ao longo desta viagem foi possível contactar diretamente com a dimensão humana da sobrevivência e da separação de dois irmãos, a partir do exílio.

A sessão inaugural contou com a presença do Dr. Daniel Pires, um especialista da obra de Jaime Cortesão.

Esta exposição foi reposta no Piso intermédio da Biblioteca Joanina onde permaneceu de dezembro de 2019 a junho de 2020.

Ousar Duvidar: “Não Sei Por Onde Vou, Não Sei Para Onde Vou, Sei Que Não Vou Por Aí” - Evocação Dos 50 Anos Sobre A Morte De José Régio



A exposição dedicada a evocar os 50 anos do falecimento de José Régio (1901-1969) foi organizada em oito módulos que cobriram, cada qual, uma faceta relevante da atividade do grande escritor vilacondense. Assim, através de livros do autor (em muitos casos primeiras edições), mas também de imagens e de depoimentos, revisitou-se a obra regiana ao nível do teatro, do ensaio, da ficção, da poesia, assim como a sua correspondência e a sua relação com a cidade de Coimbra, entre outras vertentes. Não foi esquecida a componente autobiográfica, assim como a receção da obra de José Régio pela crítica literária coeva. Foi intenção dos organizadores aproveitar o dia da abertura da exposição (5 de março de 2020, às 17h30) para proporcionar ao público presente a declamação de alguma poesia de José Régio (como os célebres «Cântico Negro» e «Toada de Portalegre»).

A exposição contou com a colaboração científica dos Professores Doutores António Apolinário Lourenço e Osvaldo Silvestre e a organização do Dr. António Eugénio Maia do Amaral, Dr. José Alberto Mateus e Dr^a. Maria Luísa Sousa Machado.

“Toda A Redondeza Do Mundo” : Magalhães-Elcano, 1519-1522



O globo e os doze ventos (gravura de Albrecht Durer para a edição de Estrasburgo da Geographia de Ptolomeu, 1513) BGUC J.F.-50-6-3.

A exposição “Toda A Redondeza Do Mundo” : Magalhães-Elcano, 1519-1522, integrada no programa oficial de celebrações coordenado pela EMCFM, pôs à disposição do visitante mais de 30 obras impressas e manuscritas que ilustram o feito extraordinário que se comemorou.

A inauguração contou com uma apresentação do Prof. Doutor João Paulo de Oliveira e Costa e com a presença do Presidente da EMCFM/ Estrutura de Missão para o V Centenário da Circum-navegação de Fernão de Magalhães, Dr. José Marques.

Entre as raridades expostas, encontrava-se uma primeira edição italiana (1536) do relato presencial do cronista não-oficial da expedição, Antonio Pigafetta, um exemplar das Tábuas de Abraão Zacuto

(1502) que acompanhavam os navegadores e uns Comentários aos Salmos (1516) onde se faz a primeira interpretação profética das viagens ao Novo Mundo em que então estavam envolvidos os Portugueses e os Castelhanos.

A exposição comissariada pelo Dr. António Eugénio Maia do Amarral estará disponível na Sala de São Pedro até 19 de fevereiro e, depois disso, poderá ser vista no piso intermédio da Biblioteca Joanina, durante toda a primavera de 2021.

Biblioteca Joanina

ISAAC ASIMOV | 1920-1992



Exposição no piso intermédio da Biblioteca Joanina

Para assinalar o centenário do nascimento de Isaac Asimov, considerado um dos expoentes máximos de ficção científica de todos os tempos, a par de nomes como Arthur C. Clarke ou de Robert A. Heinlein, encontra-se patente no Piso intermédio da Biblioteca Joanina, desde 10 de novembro, uma exposição bibliográfica organizada pela Dr^a. Maria Luisa Sousa Machado e pelo Dr. José Mateus.

Asimov nasceu em Petrovichi, na Rússia, a 2 de janeiro de 1920 (supostamente) e cedo emigrou com os pais para os Estados

Unidos, aos três anos de idade. Frequentou as escolas públicas de Nova Iorque, tendo estudado na Universidade de Columbia onde se formou em Bioquímica, em 1939, e obteve um PhD, em 1948. Foi professor de bioquímica e autor de inúmeras obras de divulgação científica, tendo sido autor de mais de 500 livros, sobre astronomia, matemática e essencialmente de explicação de conceitos científicos. A partir de 1958 dedicou-se por completo à escrita que lhe garantiu rendimentos superiores à sua atividade académica. Com onze anos já escrevia histórias e a partir dos dezanove começou a vendê-las a revistas. Explorando diversas áreas do conhecimento nas suas obras, combinando realidade e ficção, com uma cuidada abordagem dos temas científicos, tecnológicos e sociais, as suas histórias acabaram por ser adaptadas à televisão e ao cinema. São particularmente famosas as suas (3) Leis da Robótica, apresentadas no livro publicado em 1940, *Eu Robot*, nas quais estabelece as regras de convivência entre robots e humanos. Mais tarde, viria a acrescentar uma quarta lei, a chamada 'Lei Zero', no livro *Os Robots do Amanhecer*, em que dizia: "Um robot não pode fazer mal à humanidade e nem, por inação, permitir que ela sofra algum mal". É ainda notável pela forma como conseguiu prever as relações numa sociedade essencialmente tecnológica. Num artigo no *The New York Times* de 16.08.1964, "Visit to the World's Fair of 2014", Asimov fez algumas previsões (que se vieram a confirmar acertadas, sobre o que seria o mundo 50 anos depois), como o desenvolvimento de microchips, da internet, de fibra ótica, de fornos micro-ondas, de televisores de écran plano e até de carros voadores. Na mesma linha, numa entrevista ao jornal canadiano *The Star* em 31.12.1983, fez, para 2019, diversas previsões como a generalização do computador portátil, entendido no sentido de uma ferramenta capaz de provocar alterações nas relações sociais e de trabalho, a evolução exponencial da robótica e o desenvolvimento da exploração

espacial como um facto incontornável e ainda outras hipóteses por concretizar.

Em sua homenagem foi atribuída, em 1981, a um asteroide a designação de 5020 Asimov. Das suas obras merecem particular destaque a *Trilogia da Fundação*; *Eu, Robot*; *O Colapso do Universo*; *O Homem Bicentenário*; *As Cavernas de Aço*; *Os Anéis de Saturno* e tantos outros clássicos de ficção e divulgação científica.

Asimov faleceu em 6 de abril de 1992, na cidade de Nova Iorque.

Outras atividades culturais

Biblioteca Joanina

Concerto de Violoncelo e Piano



Realizou-se no Piso Nobre da Biblioteca Joanina, no dia 24 de julho, pelas 18h30 o Concerto de Violoncelo e Piano, com os músicos Jed Barahal e Christina Margotto, no âmbito do Festival CisterMúsica.

Sala de São Pedro

Curso Livre



Realizou-se o I Curso Livre da APECER, dedicado ao tema «As Três Grandes Religiões Abraâmicas», de 10 a 21 de fevereiro de 2020 em horário pós-laboral.

A coordenação do curso pertenceu aos Doutores Anselmo Borges e João Gouveia Monteiro, tendo como oradores Cristina Zhou, Faranaz Kesahvjee, Fernando Florêncio, Francisco Díez de Velasco, João Gouveia Monteiro, Laura Martins, Maria do Rosário Morujão, Miguel Monteiro e Paulo Simões.

Conferência



A segunda iniciativa da Academia para o Encontro de Culturas e de Religiões da Universidade de Coimbra (APECER-UC), realizou-se no dia 29 de fevereiro de 2020, com uma palestra pelo Prof. Dr. Efrem Yildiz Sadak, Vice-Reitor da Universidade de Salamanca, intitulada «Los Estudios Semíticos en las Universidades europeas más antiguas».

Verde Contínuo I - Ecologia: Perspetivas e Desafios



Tertúlias BGUC
VERDE CONTÍNUO I
Ecologia: perspetivas e desafios

Jorge Paiva
Universidade de Coimbra
Pedro Bingre do Amaral
ESAC

27 de outubro | 18h00
Inscrições gratuitas (vagas limitadas):
<https://forms.gle/ZPXWVWjSVjMnKhX6A>
Mais informações: bg-eventos@bg.uc.pt

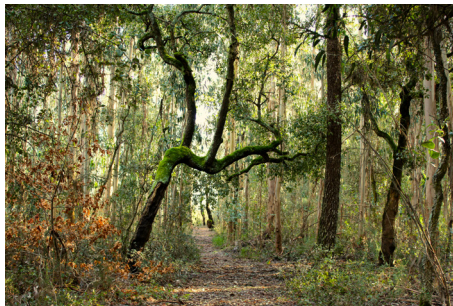


A primeira sessão de um ciclo de tertúlias denominado “Verde Contínuo”, teve lugar no dia 27 de outubro. Intitulada “Ecologia: perspetivas e desafios”, contou com a participação dos professores e investigadores Jorge Paiva (FCTUC) e Pedro Bingre do Amaral (ESAC).

Este conjunto de encontros pretende trazer à discussão as temáticas da ecologia, da sustentabilidade e da urgência da preservação do Meio Ambiente.

Em virtude da situação pandémica do momento, a lotação do espaço foi limitada, tendo os interessados que não se puderam inscrever acompanhado a sessão via *zoom*.

Verde Contínuo II - Pegada ecológica: pouco a pouco faz-se muito



Tertúlias BGUC

VERDE CONTÍNUO II

Pegada ecológica: pouco a pouco, faz-se muito

Francisco Ferreira

Universidade Nova de Lisboa

João Joanaz de Melo

Universidade Nova de Lisboa

12 de novembro | 18h00

Inscrições gratuitas (vagas limitadas):

<https://forms.gle/jT3j1JqHv7RDMGKH6>

Mais informações: bg-eventos@bg.uc.pt



A segunda tertúlia do ciclo «Verde Contínuo», «Pegada ecológica: pouco a pouco, faz-se muito!» contou com a participação dos professores, investigadores e ativistas Francisco Ferreira (UNL) e João Joanaz de Melo (UNL). A sessão decorreu no dia 12 de novembro.

Dada a atual lotação da sala, as sessões decorreram simultaneamente em regime presencial e via *zoom*.

Edição fac-similada - *Pharmacopea Meadiana*

Lançamento da edição fac-similada (com a chancela da Imprensa da Universidade de Coimbra) da obra “*Pharmacopea Meadiana*”, no âmbito do protocolo entre a Biblioteca Geral e a Bluepharma, no dia 10 de dezembro.

A apresentação da obra esteve a cargo do Doutor João Rui Pita.



Sessão de lançamento da edição fac-similada da *Pharmacopea Meadiana* – Paulo Barradas Rebelo (Bluepharma), João Gouveia Monteiro (Diretor da BGUC) e Delfim Leão (Vice-Reitor)

Eventos *on-line*

E se a Biblioteca fechasse? Identidade e transformação da biblioteca pública.



Já pensou como seria um mundo sem bibliotecas públicas?

A BGUC convidou o Dr. Bruno Eiras (Diretor de Serviços de Bibliotecas - DGLAB) para a realização da palestra, via *zoom*, intitulada «E se a biblioteca fechasse? identidade e transformação da biblioteca pública», que teve lugar na manhã do dia 15 de outubro.

Tertúlia da APECER-UC



A tertúlia «A visão da Mulher nas grandes religiões», com Esther Mucznik, Isabel Allegro Magalhães e Laila Kadiwal, realizou-se via *zoom*, no dia 5 de novembro, no âmbito das atividades da Academia para o Encontro de Culturas e de Religiões da Universidade de Coimbra (APECER-UC).

II Curso Livre da APECER-UC



Realizou-se nos dias 30 de novembro e 11 de dezembro de 2020 o II Curso Livre da APECER-UC, dedicado às «Religiões Orientais». O curso teve a duração de oito sessões, onde se debateram os seguintes temas: Hinduísmo, Budismo, Confucionismo, Taoísmo e Xintoísmo. A coordenação científica pertenceu ao Professor João Gouveia Monteiro, tendo como oradores Anselmo Borges, João Carlos Loureiro, Fernando Florêncio, Krishna Kripa Dasa, Sofia Beato, Cristina Zhou, Zhao Yanxia, Francisco Díez de Velasco e António Barrento.

Tertúlia da APECER-UC



A tertúlia intitulada «O lugar da Religião na discussão bioética», promovida pela APECER-UC, decorreu no dia 15 de dezembro, exclusivamente via zoom. Esta sessão contou com a participação dos Doutores António Jácomo (Universidade Católica Portuguesa, Porto) e Fernando Soares Loja (Vice-presidente da Comissão de Liberdade Religiosa). A moderação desta iniciativa esteve a cargo do Doutor João Loureiro (FDUC).

Catálogos de exposições bibliográficas

Exhibitions
catalogues

Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra

(Página deixada propositadamente em branco)